



As muitas origens da horticultura

O termo horticultura nasceu no século 19 (1826: lat. *hortus* + cultivar), marcando o avanço obtido na aclimatização das plantas trazidas, principalmente, do novo mundo e cultivadas nos jardins de aclimação e jardins botânicos europeus. A grande produção de flores que estimulou movimentos como a mosaicultura (desenhos no chão com espécies floríferas) também é do século 19. Não se pode estranhar o que o renascimento deixou de herança ao mundo, separar objeto e sujeito e separar também as ciências naturais (os antigos naturalistas que o digam) em múltiplas outras ciências, entre elas a horticultura. Segundo o francês Michel Conan em seu dicionário da arte dos Jardins (1998), horticultura é o conjunto das ciências que tratam dos conhecimentos úteis à jardinagem. Para Pierre Donadieu (2002), além de envolver a arboricultura, floricultura e olericultura, praticadas nos espaços peri-urbanos, há a horticultura ornamental, responsável pela gestão dos parques e espaços verdes urbanos, atualmente de forma mais ecológica: a “gestão diferenciada”. Então hoje, busca-se firmemente retomar a horticultura no seu bojo, no seu conjunto de disciplinas para que enfim ela possa cumprir com seu papel de trazer “o céu sobre a terra”. Essa é a explicação da palavra *hortus*, jardim em latim, retomada na idade média como um *hortus conclusus* (um lugar fechado onde se cultivava), o jardim das delícias

privado (o *locus voluptatis*) ou o lugar ameno, *locus amoenus*, propício para as reflexões e o encontro com Deus. Toda essa concepção de jardim medieval, que retomou a antiga palavra latina *hortus*, foi baseada no livro Gênesis e no Cântico dos cânticos, ambos interpretações bíblicas. O período assim exigia, afinal era a época da inquisição e caça às bruxas de tantas predições e poções. A partir deste recito da vida original do homem no Jardim do Éden, encontrado no Gênesis e de sua partida em função do pecado “original”, foi na idade média que a cultura cristã ocidental retomou esta idéia e transformou em jardim a sabedoria oriental da magnificência da água (fonte de vida), do cultivo e do próprio milagre que é o cultivo do jardim. Ao jardim que os hebreus chamavam Gan, os persas Pairidaeza tivemos os termos derivados Paradesios em grego e Paradisus em latim. Estes primeiros “paraísos” persas eram grandes parques reais cultivados entre muros. Os hebreus acrescentaram o Éden e ficou o Jardim das origens (GAN+EDEN possivelmente o garden e a palavra portuguesa jardim). O jardim das delícias - *locus voluptatis*, segundo o Gênesis, era um lugar fechado (clos) sagrado, com água que corria (fonte de vida) que retratava a saudade da idade de ouro. Este paraíso na idade média era retratado como sendo a igreja (ou pela presença divina nele) num jardim, lugar das delícias que todo homem aspirava alcançar através da sua devoção e dedicação à vida monástica. Desta época temos os claustros, locais para rezar e meditar circulando em redor de um *hortus*. Na bíblia, a passagem de Cristo pelo mundo não apresenta nenhuma citação de jardim, exceção ao Jardim das Oliveiras, local triste que retrata o final da vida de Cristo entre os homens. Mas quando Jesus aparece na páscoa para Maria Madalena como jardineiro, une para sempre o jardim à esta idéia de renovação e de renascimento. “Ele seria o jardineiro simbólico de todas as almas, que pelas suas devoções ganharão o paraíso”. Então, para fazer renascer a fé no período es-

curo da idade média, utilizou-se este arquétipo do *hortus conclusus*, como o jardim fechado da alma que o “cântico dos cânticos” tão bem retrata. No cântico, um diálogo entre esposo e esposa, poderia representar o diálogo entre Yahué e o povo eleito, os judeus. Ou entre Cristo e a Igreja (ou sua alma), mas a partir do século 12, com a idéia de ressaltar a virgem Maria, esta veio e fertilizou o jardim. Foi a vez então do diálogo entre Cristo e Maria e a partir dessa união amorosa entre a alma e Deus no jardim (no cântico, o esposo desceu ao jardim) e na figura da mulher Maria (a esposa), transformou-se o jardim medieval, o *hortus conclusus*, no jardim das delícias, o jardim cortês ! Foi em torno da mulher - Maria - que o amor sagrado se transformou também em amor profano, o verdadeiro amor. Relacionar Maria com a esposa fez com que a idéia do paraíso - o jardim do Éden e o *hortus conclusus* se confundissem para sempre. Dalí, muitas plantas continuaram uma história simbólica muito forte na cultura ocidental. A rosa, sobretudo a idéia da rosa mística é presença permanente neste jardim, pois se oferece uma coroa de rosas para a bem amada assim como se oferece uma coroa de preces (o “rosário”) para a virgem Maria. As ervas aromáticas, fonte de infusões e de poções; as frutas, alimentos doces do paraíso e as flores que ornamentavam altares e cabeças femininas. O Jardim do amor, este lado profano do jardim medieval, nasceu a partir do poema “Romance da rosa” de Guillaume de Lorris no século 13, onde ele evoca o amor no pomar, reutilizando passagens dos gregos Ovídio e Horácio. Estes já haviam falado no *locus amoenus*, onde reina a felicidade, a abundância e a eterna juventude. A arte de amar é a mais pura consequência, já que naquela época, não existia “amor” puro nas relações oficiais, apenas se concretizavam contratos oficiais de casamento. As “paixões” se permitiam acontecer nestes *hortus conclusus*, e depois nos jardins reais da renascença, espaço onde o rei fazia questão de controlar sua corte, sobretudo suas cortesãs. Deste jardim cor-

tês, o cravo sobrou como a flor símbolo dos noivos, idéia que perdura até os nossos dias. A maior parte dessas idéias que aqui compartilho vieram de uma exposição artística sobre “jardins medievais”, realizada no Museu da Idade média de Paris em 2002, onde contribuições destes para a humanidade foram sugeridas a partir da iconografia da época tendo-os como fundo. Um belo c o m p a r t i l h a m e n t o interdisciplinar onde artistas e historiadores nos ensinaram sobre a arte das origens da horticultura. Após um passeio pela história simbólica dos *hortus* pode-se concluir que parece não existir graça “espiritual” na técnica somente pela técnica. É a sua história cultural, as razões de suas utilizações e releituras pelos diversos povos que acrescenta esse algo a mais, essa sede humana pelo simbólico e espiritual. Quisera podermos ter mais espaços de reflexão, mais hortas e “jardins” - didáticos, de sonho e de visitação além da produção hortícola - para admirar cada vez mais esta rica herança simbólica e cultural, desta construção humana de pedaços do paraíso sobre a terra.

(Claudia Petry, professora
PhD da UPF;
E-mail: petry@upf.tche.br)